**Entrevista com Moisés Diniz de Almeida**

(21/02/2022 às 16h30 pelo Google Meet)

**Delcides Marques (docente CCS/Univasf)**

**Arian Oliveira Costa (discente CCS/Univasf)**

**Maria de Lourdes Oliveira Dias (discente CCS/Univasf)**

**Mayriane Santos Silva (discente CPSI/Univasf)**

**Silvio Gabriel Linhares Guimarães (discente CPSI/Univasf)**

Moisés Diniz de Almeida é historiador e professor, com pesquisas e publicações sobre o imaginário do sertão nordestino, os movimentos sociais religiosos e suas representações na imprensa de Pernambuco (de Canudos a Pau-de-Colher) e a realidade dos assentamentos do Vale do São Francisco. Na área de Comunicação Social atua como capacitador de radialistas com ênfase na produção de notícias, entrevistas, locução etc. A sua trajetória está marcada pelos esforços de comunicação no bispado de Dom José Rodrigues em Juazeiro-BA. A conversa com Moisés ocorreu na tarde do dia 21 de fevereiro de 2022. Foi um momento ímpar de troca sobre vivências dos “tempos de Dom José Rodrigues” na Diocese de Juazeiro-BA. A conversa foi facilitada pelo interesse de Moisés em contribuir para a realização de nossa atividade para o Núcleo Temático “Memórias e lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco”, coordenado pelo prof. Adalton Marques. A entrevista teve a preocupação de contribuir na constituição de um acervo sobre experiências de fé que tornaram possíveis lutas sociais por direitos. No caso, com destaque para o catolicismo da libertação e o bispado de Dom José Rodrigues a partir de 1975 em Juazeiro-BA.

**Entrevista**

*Moisés, ao trabalhar na diocese de Juazeiro com o bispo Dom José Rodrigues, como se deu a sua experiência com a comunicação?*

Eu já era radialista quando comecei a trabalhar com Dom José Rodrigues. Eu trabalhava na Emissora Rural “A Voz do São Francisco”. Comecei a trabalhar em 1986 na Diocese de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), na Pastoral Rural de Petrolina, na CPT [Comissão Pastoral da Terra] de Juazeiro. Eles estavam pensando em fazer um programa que pudesse falar das mudanças que estavam acontecendo no Vale do São Francisco. A CPT, a Pastoral trabalhava com as questões da terra, Pastoral Rural também, a questão do homem do campo. Eu fui contratado com o padre de Juazeiro, padre José Carlos, e nós começamos a fazer uma experiência com o programa juntos, o nome do programa era “A Voz do Velho Chico”, já tinha a experiência do IRPA [Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada], a experiência da CPT e a experiência aqui da Pastoral Urbana. Eu era, digamos assim, eu e o padre José Carlos, éramos os locutores do programa na Emissora Rural por ser uma emissora católica na época, não é? Tinha um padre que era comprometido com as causas sociais, o padre era diretor da Rádio, padre Pedro Paulo. Inclusive, o pessoal aqui na Pastoral, os antigos, estão querendo homenagear o padre Pedro Paulo, padre Adriano que é bispo lá de São Bento do Araguaia (GO). Eles vão vir aqui para uma homenagem que era para acontecer em Santa Cruz da Venerada (PE). Era para ter acontecido no outro final de semana, mas em função do Covid, foi adiado. Então, como o padre era comprometido, a rádio tinha também compromisso, digamos, com as causas populares. E eu já tinha feito com o padre alguns cursos com o pessoal da Associação Latina Americana de Educação Radiofônica que tem sede em Quito, para trabalhar a questão da voz do povo na rádio. Como era a voz do povo na rádio? Como é que a voz poderia ser realmente voz do povo, e não voz do locutor? Que o slogan da rádio era a voz do povo, mas quem falava eram os radialistas, né? Você não tinha a voz do povo. Como que a gente poderia capacitar os radialistas para realmente abrir para o público? Então começamos uma experiência com a Diocese de Juazeiro fazendo esse programa em conjunto. Claro que na Emissora Rural já existia o programa “Semeando a Verdade”, e quem apresentava era Dom José Rodrigues. O programa era apresentado terça e sexta-feira. Terça-feira alguém de Pastoral lá da Diocese de Juazeiro apresentava o programa. E sexta-feira o bispo Dom José Rodrigues apresentava. Então, foi esse contato com o programa “A Voz do Velho Chico” que me aproximou da Diocese de Juazeiro. E na Diocese de Juazeiro eles tinham o Setor de Comunicação chamado SEDICA [Setor de Comunicação e Audiovisual] que servia para produzir o jornal “Caminhar Juntos”. O bispo Dom José Rodrigues editava e estava sendo montado um estúdio de gravação, quando o bispo não pudesse ir para a rádio em Juazeiro. Tinha um programa na rádio em Juazeiro segundas e sextas-feiras na Emissora Rural. Então, eles estavam montando aquele Setor de Comunicação e o padre José Carlos me fez o convite para assumir a comunicação na Diocese de Juazeiro. No caso, para montar a Pastoral de Comunicação, pois não tinha pastoral, tinha o Setor. Aí, em 1991 eu resolvi sair da Emissora Rural e aceitar o convite de montar lá a Pastoral de Comunicação na Diocese de Juazeiro. Já tinha o Setor, como eu falei, já tinha um jornal para editar. O rapaz que trabalhava lá tinha sido dispensado. Então, minha responsabilidade logo de primeiro momento era montar o “Caminhar Juntos”, aquela montagem manual, era uma com máquina elétrica que você escrevia, o bispo chegava com as informações, ele trazia datilografada as informações. Eu datilografava numa máquina elétrica que conseguia fazer uma formatação através de fita magnética, uma coisa que eu nunca tinha visto, tive que aprender a máquina elétrica. Um gravador, uma fita cassete ao lado da máquina, aí você tinha que recuperar aquela coisa que você tinha datilografado; a palavra digitação não existia ainda. Então, o bispo me entregava, eu datilografava e imprimia e entregava para o bispo. O bispo corrigia, voltava, depois eu corrigia e imprimia; também a palavra não era impressão, não tinha ainda a palavra impressão. Eu recortava as colunas e montava o jornal de forma artesanal. Montava o jornal e levava para a gráfica para que a gráfica pudesse reproduzir e o bispo pudesse entregar para toda a Diocese. Então, foi fazendo isso que eu fiquei responsável pelo programa da sexta-feira, indo com o bispo, porque tinha a parte dos avisos da semana. O bispo fazia a parte dele e nós fazíamos a parte da semana e também das gravações. Começaram a ter nesse caso gravações dos programas. Esse foi o primeiro contato de comunicação até nós chegarmos, a ponte de montar a Pastoral de Comunicação com correspondentes populares, formação com correspondentes populares. Compramos um outro programa na rádio para nós apresentarmos, com notícias de todos os municípios que compõem a Diocese de Juazeiro. Aí montamos uma locadora de vídeos, uma produtora de vídeos, tudo com recursos conseguidos da Europa através da assinatura do bispo. E passamos a fazer, digamos assim, a primeira estratégia da Pastoral da Comunicações que ia desde os elementos mais práticos de gravação com montagem de jornal, até o curso que eu fiz na Colômbia de comunicação para pastoral para trabalhar com a comunicação na liturgia. Eu fiz um curso lá, fiz uma monografia sobre comunicação em liturgia e apliquei aqui, dando curso para padres, para leitores, para as pessoas que usavam a fala na missa. Acho que basicamente é isso a questão da comunicação. Sim, e sobre esse trabalho de Comunicação, sobre o Sedica, tem uma tese de doutorado de Roberto Joaquim de Oliveira que fala desse trabalho de comunicação da Diocese. Vocês encontram a tese dele, é professor da [Universidade] Metodista. Ele fez o trabalho de doutorado trabalhando antes e Francisco [de Assis Silva], acho que usou o material de Roberto. E Roberto, Francisco, Josenaldo, Ailton e toda essa galera fez parte do SEDICA. Eu fui o primeiro a chegar, e como as operações de comunicações aumentaram, então Francisco foi de um dos nossos contratados para trabalhar. Francisco foi secretário da paróquia de Santo Antônio e foi contratado pelo SEDICA. Josenaldo, que era uma pessoa do grupo de jovens e fazia o programa da Pastoral da Juventude de Petrolina, foi contratado para o SEDICA. Foi montando uma equipe, né? E se profissionalizou, e hoje já ganhou o mundo.

*Gostaríamos de saber também, quais as influências da teologia da libertação em sua própria trajetória de vida?*

Veja, eu vinha de uma trajetória de luta né? Por ser filho de pedreiro, classe popular, por ter participado também da Pastoral da Juventude do Meio Popular na Diocese em Petrolina, por ter feito essa capacitação de formação de radialista. Então, a gente já tinha uma história quando chegou na Diocese. Na verdade, o trabalho estava começando a ficar inviabilizado em Petrolina. Tinha Dom Paulo que já estava, digamos assim, bem assumindo a posição do papado de João Paulo II e estava começando a enfraquecer o trabalho em todas as pastorais sociais. A minha saída da Diocese, da rádio, para a Diocese de Juazeiro foi num momento muito oportuno que, em tese, na Emissora a gente não ia conseguir mais desenvolver o trabalho com as lutas populares. Pouco tempo depois a rádio ficou toda católica só com programação católica, foi a banca rota inclusive nesta época, claro, que continuou lá os programas da Diocese de Juazeiro. Na Diocese de Juazeiro foi uma continuidade de um bispo progressista que dava muita autonomia. Ele me deu muita autonomia no trabalho de comunicação, uma coisa muito boa e que, digamos assim, a trajetória de luta que a gente já tinha construído aqui de vida, ela se encontrou ali na Diocese de Juazeiro. É tanto que, na minha dissertação de mestrado sobre Canudos, por influência da própria Diocese, eu entrei no mestrado para fazer Pau-de-Colher. Na verdade, eu conheci Pau-de-colher através do bispo, dos problemas que ele trazia, mas aí descobri Canudos num aspecto inédito e terminei agora a tese de doutorado colocando um capítulo sobre Pau-de-Colher. Então, a minha tese de doutorado é sobre os movimentos sociais e religiosos nessa pegada ainda de perceber Canudos como um evento que teve de ser combatido e que nesse caso liberado em Pau-de-Colher, Contestado, Caldeirão. Basicamente eu continuei trabalhando, isso é, nas minhas lutas. Eu fui vice-presidente das Associações de Moradores, recentemente fui vice-presidente do Sindicato de Professores da Universidade de Pernambuco (UPE). Então, isso reverbera muito na sua prática e na sua vida em si. Não dá para esconder e correr, digamos assim, quando você bebeu lá da fonte da teologia da libertação. E continuo usando até hoje a opção preferencial pelos pobres.

*Eu queria saber de você como eram as ações vinculadas à teologia da libertação naqueles tempos em Juazeiro. Como era a atuação da igreja particularmente em relação à educação e comunicação?*

Veja! Claro que eu não vou poder falar com muita propriedade, porque a parte de educação, eu já peguei já o finalzinho. Aí você tinha ali um Círculo Operário, um Círculo de Cultura? E a própria biblioteca da diocese ela é um fruto desse trabalho com a educação, não é? Também o IRPA. Acho que precisa ser colocado que o IRPA, quando ele é criado no âmbito da Diocese, ele é criado no âmbito também da educação e da formação, da formação dos lavradores, dos camponeses? Você tem ali algo também com educação. Então na Diocese, o bispo se preocupava muito com a questão da educação. É tanto que a biblioteca não é à toa. O bispo gostava tanto daquela biblioteca que quando chegava alguém para consultar qualquer tema, o bispo perguntava à pessoa, ele ia na estante e trazia o livro para pessoa, para que a pessoa pudesse fazer a pesquisa. E ela era tema recorrente, então nós vamos ter as escolas, tem uma escola que vocês podem depois pesquisar, que eu não fiz parte dessa escola, mas era algo que era recorrente na Diocese que era a Escola da Fé, que era uma escola muito importante para a formação das lideranças das Comunidades Eclesiais de Base [CEBs]. E aí você tem todas essas figuras desde o Paulo Freire a [José] Comblin, a Eduardo Hoornaert. Então, grandes figuras, elas vieram convidadas pelo bispo para essa Escola da Fé, para esse processo de formação que juntava fé e política, que eram duas coisas que estavam bem, digamos assim, presentes dentro do escopo do bispado de Dom José. E Dom José era apaixonado por comunicação. É tanto que ele não mediu esforços para que a gente pudesse conseguir recursos para montar toda a estrutura que nós montamos. Para vocês terem uma ideia, só existiam duas ilhas de edição em Juazeiro, de edição de vídeo. Uma era da Diocese, que a gente tinha conseguido montar. Mesmo sem a gente saber mexer, mas tinha uma ilha de edição. A gente tinha uma locadora educativa. Filmes educativos para os professores, e nós montamos essa locadora. O bispo gostava muito dos programas, do jornal que ele fazia, aqueles que ele escrevia, aquele jornal com tanto afeto, com tanto carinho, com tanta dedicação. Então, ele era apaixonado por educação, por ter inclusive na sua vida sido professor. Ele inclusive me ensinava bastante quando ele me entregava o jornal corrigido. Ele fazia questão de me explicar todas as regras de português que ele usou nas frases que às vezes encontrava um erro, e ele dizia: “olha, aqui é uma proparoxítona, isso, isso...”. Ele dizia tudo. “Aqui é uma crase; a crase é isso”. Então, tinha essa coisa da veia dele de ser professor e de gostar da educação e de trabalhar a questão da formação. Juazeiro tem história espetacular de formação de lideranças em função desse apoio que ele deu. Inclusive pessoas de fora vieram para Juazeiro para trabalhar nesse processo de formação. Aí você pode lembrar de Roberto, de Rubens Siqueira, de Salete, né? De pessoas leigas que vieram para esse trabalho de organização e formação da população. E, claro, os programas de rádio que o bispo tanto gostava. Ele fazia dois programas. E depois nós conseguimos que esse programa do bispo fosse reproduzido na rádio de São Raimundo Nonato, no Piauí. Aí enviávamos a fita de ônibus, essa fita chegava em Campo Alegre de Lourdes e o padre lá em Campo Alegre de Lourdes mandava a fita para a rádio de São Raimundo Nonato para ser também reproduzido, já que chegava pouco a fala do bispo naquela região de Campo Alegre. Então conseguimos cobrir aquela área ali já no finalzinho da Bahia, fronteira entre Bahia e Piauí.

*A ideia seria pensar a questão do cuidado em seus diversos aspectos para entendermos a ação da igreja marcada pela teologia da libertação. Ou seja, de que modo essa educação influenciada pela teologia da libertação contribuiu para pensar a integralidade humana?*

Era uma pauta do bispo. Você quando tem um bispo que dá todo apoio à Pastoral da Mulher Marginalizada, você já tá ali, não é, determinando o foco do bispo. O bispo trabalha com os pobres. O bispo tem essa opção preferencial pelos pobres e ele trabalha com os marginalizados. A própria Pastoral da Mulher Marginalizada é um exemplo muito claro desta opção que ele faz. Então, não tem para aonde correr, né? Não tinha como o propósito do bispo não ser político, político no sentido não-partidário, mas político no sentido de tentar mostrar aos pobres, o tanto de marginalização e o tanto de opressão que os pobres sofrem ao longo, neste caso, de décadas. Daí, por exemplo, alguns temas dos programas serem temas sociais e políticos. O bispo fazer um programa radiofônico sobre “Pau de Colher”, por exemplo, e ele usa “Pau de Colher” numa homilia. Então, você tem ali um compromisso muito claro de Dom José Rodrigues frente às injustiças, às problemáticas sociais e o cuidado que ele vai tendo com a Pastoral Social, com Pastoral da Terra, com a Pastoral dos Pescadores. Você tinha a Pastoral dos Pescadores em função de todo o trabalho que a Diocese teve e tem com os pescadores do Rio São Francisco, com a mulher marginalizada, em função de termos em Juazeiro, historicamente, um grande número de prostitutas. Os prostíbulos de Juazeiro eram grandes, em termos inclusive de quantidade, naquela época. Então, o bispo tem uma preocupação acolhedora nesse tempo, de dar, digamos assim, suporte para que os agentes pastorais possam atuar.

*A teologia da libertação impactou a igreja em diversos âmbitos. Na experiência católica e seu método ver-julgar-agir, esta pedagogia ajudou na busca de uma compreensão crítica da realidade e impulsionou a ação transformadora. A partir disso quais semelhanças e diferenças entre a teologia da libertação e o método de Paulo Freire?*

Eu acho que não tem diferença, mesmo por que se trabalhava com ver, julgar e agir. É tanto que você não pode falar, historicamente, pegando linearmente as décadas de 70, especialmente 80 e o início de 90, a formação dos sindicatos e dos partidos políticos, aí passa também pelo partido dos trabalhadores, sem você estar nessa terceira perna: o agir. Tem o ver, de enxergar a realidade, as Comunidades Eclesiais de Base trabalhavam muito essa questão da realidade, junto dessa noção entre fé e política capitaneada por uma campanha da fraternidade que sempre tinha um manual elaborado pela própria Diocese. Por que você tem a Campanha da Fraternidade da CNBB [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil], ela tem um manual, um livrozinho, vamos dizer assim, mas na Diocese de Juazeiro se montava outro livreto com aquele tema, adequado às realidades da Diocese. Então, você tinha ali o ver, você tinha o julgar e tinha o agir, que era digamos assim, na ação da organização dos camponeses, dos trabalhadores e das pessoas da cidade. E aí os partidos, os sindicatos, muitas pessoas que fizeram parte no passado, elas têm sua origem na Diocese de Juazeiro. Lembra, por exemplo, de Casa Nova, pensa em Dorca que é o pai de Everaldo Libório, Dorca é uma pessoa formada nas entranhas da teologia da libertação e da Diocese de Juazeiro, não é atoa que o filho é progressista, é do partido dos trabalhadores e já foi candidato a prefeito lá de Casa Nova. Bertinho, infelizmente faleceu, foi responsável pela organização dos trabalhadores, por que aqui em Juazeiro tinha um problema do sindicato ser “pelego”, foi necessário criar outro sindicato, e o Bertinho infelizmente teve um problema no cérebro e foi uma dessas pessoas que bebeu na fonte da Diocese. E aí esse método, foi um método que foi sempre utilizado e que é utilizado nas assembleias. As assembleias diocesanas, elas não são como essas assembleias de hoje. Essas assembleias de hoje, você pega esses novos bispados, as assembleias diocesanas são apenas com padres e olha lá quem sabe tem freira dentro da assembleia diocesana. As nossas assembleias o protagonismo era todo dos leigos, dia 20 agora eu estava em Pau a Pique numa celebração lá de São Sebastião. E aí eu perguntei para o padre, tinha dois padres, eu estava hospedado na casa do padre e perguntei: “Esse bispo que tá aí na Diocese de Juazeiro, ele é capaz de, com pão francês, com pão de sal, ele fazer do pão de sal a hóstia consagrada, como Dom José fazia? Ele disse: ‘faz nem medo’”. Por que numa celebração, Dom José pegava o pão de sal e fazia a celebração eucarística e fazia daquele pão a hóstia que a gente tem na nossa celebração. Em nossa celebração era aquele pão que ele pegava e distribuía, então não tem nem como descrever. Saudades desse tempo, saudades dessa igreja.

*Tendo em vista que a maioria dos devotos da igreja é formada pelo público feminino, e tomando como exemplo os trabalhos feitos pelo Dom José Rodrigues em Juazeiro, quais trabalhos o senhor observou naquele período, voltados às mulheres?*

O protagonismo da mulher é muito forte dentro da teologia da libertação, você tem a mulher quase celebrando missa, e isso é importante. Hoje é só o padre mesmo, mas antes a mulher, a liderança da comunidade, a liderança da comunidade eclesial de base, a mulher sendo protagonista na celebração, ela dirigindo a celebração. A força que vai ter, por exemplo, as freiras, as freiras na Diocese tinham muita força, elas assumiam comunidades, faziam de tudo, digamos assim, que o gênero masculino dentro da igreja fazia, sempre a igreja foi muito masculina, muito machista, as mulheres freiras faziam e as leigas também, então eu creio que tinha todo o gás, tinha toda força. As mulheres sempre foram muito protagonistas dentro da Diocese, claro que infelizmente como vai ter a maioria de padres homens, mas as mulheres estavam lá sempre presentes. As assembleias eram muito, digamos assim, mistas, a maioria das pessoas na assembleia não eram religiosas (padres ou freiras), eram leigos, você tem numa assembleia que a maioria de participantes é leiga, a gente já sabe o resultado, o resultado é que os leigos realmente tinham muita voz, muita prevalência.

*Num momento em que a teologia da libertação não é mais tão pujante como naqueles dias, e num período de tanto conservadorismo teológico, educacional e eclesiástico, qual seria a importância de recuperar as reflexões sobre teologia da libertação e educação para a nossa atualidade?*

Eu vou até retomar as reflexões que foram feitas em Puebla e Medelin, que foram elas, que foram essas reflexões que vão dar sustentação à igreja encarnada, né? Uma igreja que se faz carne. Uma igreja que não é só espírito, não é só uma igreja que está do lado do povo, é uma igreja que está com o povo. A grande importância seria essa: arrancar os padres e seus *soli deos*, suas roupas pretas, suas vestimentas que mais lembram as vestimentas do império romano, já que eles herdaram isso do império romano, como herança do próprio imperador. Uma igreja que é encarnada e é simples. Padre não precisa andar com aquelas vestes brilhosas para se destacar do povo, nem tampouco o bispo. Infelizmente a igreja, desde João Paulo II e depois com Ratzinger, e mesmo com o Francisco, e mesmo Francisco sendo mais franciscano que jesuíta, né? Eu acho que ainda a igreja ela é muito distante do povo, e a teologia da libertação aproximou os padres, aproximou os bispos de uma vivência mais, digamos assim, encarnada. A minha referência grande é Dom José, uma pessoa simples, muito simples, uma pessoa que tinha duas camisas. Lavava sua camisa de noite, uma camisinha listrada. Ele chegou aqui com uma malinha e voltou com a mesma malinha. E não ficou para perturbar o próximo bispo. Ele disse: “vou embora, tem outro bispo aí”. E depois voltou para ser enterrado, ser sepultado onde ele está. Mas foi um exemplo de pessoa que foi firme nos seus propósitos, apesar de todas as opiniões contrárias, e as perseguições políticas. Mas não tem como falar de Juazeiro sem passar pela figura de uma igreja que conseguiu, digamos assim, ser povo. Conseguiu estar no meio do povo. Mas passou, infelizmente. Que bom que ela voltasse.